



O museu Faraday é inaugurado no mês de Outubro e será localizado no 3º piso do pavilhão de Eletricidade. Os fundadores Moisés Piedade, Jorge Amaranante, Carlos Fernandes e Albano Inácio abriram-nos as portas mais cedo.

Encontramo-nos a poucos meses da abertura do museu Faraday, cujo espaço irá contar com inúmeras peças provenientes dos laboratórios do Instituto Superior Técnico, empresas e coleções particulares. O Professor Moisés Piedade falou-nos um pouco sobre o seu conteúdo e propósito.

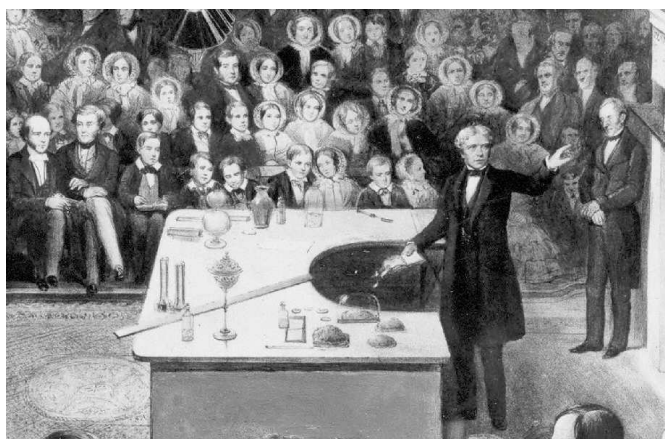
Porquê “Museu Faraday”?

Neste museu reúnem-se um conjunto de peças antigas e regista-se a respetiva história. Mas procuramos sempre fazer a ligação destas mesas ao presente e avaliar o seu impacto no futuro. Não houve consenso num nome português ligado a esta área. A escolha recaiu sobre Faraday, pelo carácter particular da sua personalidade. É considerado um dos maiores experimentalistas desta área. Foi um autodidata, sem qualquer formação académica. Começou como ajudante de um encadernador de livros, e aproveitou para ler os livros que encadernava, em particular, os livros de química. Depressa se tornou assistente de laboratório do eminente químico inglês Humphry Davy e, mais tarde, membro da Royal Institution, em Londres. Acompanhava Davy nas suas deslocações a conferências e rapidamente se apaixonou também pelo eletromagnetismo, estabelecendo as bases da teoria da indução eletromagnética. Mas a principal razão de atribuir o nome de Faraday a este Museu prende-se com o facto de que, entre 1827 e 1860, Faraday ter dado uma série de dezanove palestras, no Natal, destinadas a jovens, na Royal Institution. Uma série que continua até hoje. O

objetivo era divulgar a ciência entre os mais jovens e ao público em geral, na tentativa de os inspirar. Faraday foi um exemplo de Intuição, criatividade e impacto na sociedade do seu tempo.

De onde vieram as peças do espólio do museu?

O grosso destas peças vieram dos laboratórios Técnico: da Física, de Civil, da Eletrotecnia Teórica, da Energia... Andámos por aí à procura. Outras são de coleções particulares, ou vieram de empresas. Outras ainda foram adquiridas particularmente. Esta coleção que está aqui, por exemplo, veio da Eletrotecnia Teórica, do tempo do professor Ferrer Moncada. Antes de surgir este museu, já existiu um proto museu fundado pelo professor Borges da Silva e pela professora Teresa Pera, da Química, cujo inventário foi o nosso ponto de partida. A nossa principal preocupação tem sido por tudo a funcionar. Este é um museu de eletrotecnia com várias secções: temos uma área de instrumentação, uma área de áudio, rádio e televisão, uma área de motores e geradores, uma área computacional e cálculo científico...



Michael Faraday dando uma palestra na Royal Institution no Natal de 1856.

Qual é a peça mais antiga? E qual a vossa peça preferida?

Uma das peças mais antigas, que temos aqui, é o gerador/motor de Gramme, de 1879, mas temos peças ainda mais antigas. Quanto a peças preferidas, não entramos por aí. Por exemplo, o Albano acabou de trazer um gravador de fita magnética da Stellavox, de 1950, que é, neste momento, a peça mais interessante para nós. No dia dos 105 anos do Técnico, preparámos um conjunto de peças para mostrar aos antigos alunos.

A que teve mais sucesso foi o telefone da Gower-Bell, de 1882, porque está a funcionar. Nesse dia, pedimos

a um aluno para ligar do seu telemóvel que nós atendíamos mas ele, hesitante, respondeu que não, porque iria gastar uma chamada. Trata-se um modelo de luxo, topo de gama, que encontrámos na cave do Complexo Interdisciplinar, no meio do lixo, e que veio do primitivo Instituto Industrial de Lisboa. Gostávamos de comprar um exemplar do primeiro telefone com marcador, que existe à venda no eBay, mas ainda está bastante caro.

Destinadas à investigação, quais são as peças mais antigas que têm aqui?

Temos muita coisa do tempo do professor Abreu Faro. Mas a mais antiga é um voltímetro vetorial da HP de 1967, comprado pelo professor Borges Teixeira, que permitia fazer medias até 1 GHz, que era a máxima frequência a que se trabalhava no princípio, com os geradores da General Radio que temos aqui do professor Figanier e o professor Charters de Azevedo.

Onde está instalado o museu e como é que foi disponibilizado o espaço físico?

Não foi fácil arranjar o espaço que temos hoje. O museu está instalado no espaço do antigo Centro de Eletrónica Aplicada, no piso 3 do Pavilhão de Eletricidade, e em vários gabinetes entretanto desocupados, e numa área que já esteve ocupada pela Fórmula Student (FST). É claro que, neste momento, este espaço é também a oficina onde reparamos os aparelhos. A Isabel Trancoso diz que nós devíamos ter isto mais arrumado. A Marta Lourenço, responsável dos museus do Técnico, diz para mantermos tudo como está.



Algumas das peças que estarão disponíveis no museu, um telefone Gower-Bell de 1882 (à esquerda) e um gerador de Gramme de 1879 (à direita).



Muitas das peças em exposição precisam de arranjo e manutenção. O objetivo é que fique tudo a funcionar até Outubro.



Da esquerda para a direita, os fundadores Moisés Piedade, Carlos Fernandes, Albano Inácio e Jorge Amarante.

Qual é o objetivo do museu? Quem pretendem que o venha visitar?

Qualquer pessoa, antigos professores e alunos, mas sobretudo, para alunos das escolas secundárias. Estamos preparar um conjunto de experiências interativas para alunos das escolas secundárias. Em tudo o que poder-mos, será um museu interativo “hands-on”. Só assim conseguiremos atingir os públicos mais jovens. Recebemos também pessoas que possam estar interessadas

numa espécie de regime de comodato. Fica tudo registado e etiquetado de onde veio e de quem é a peça. Temos muitas peças que eram do Instituto de Plasmas e Fusão Nuclear e do LNETI, instrumentos feitos nos anos 70, que estavam no lixo e que nós fomos lá buscar. Temos dois projetores de vídeo da Barco que o Carlos Brito nos arranjou e que estavam no fundo de uma arrecadação, uns dos quais ainda a funcionar.

Quando é que o museu vai ser inaugurado?

O espaço ainda não está aberto. O Arlindo Oliveira concordou em fazer as obras. Vão tirar os tubos de ar condicionado e pintar tudo. Esperamos inaugurar o Museu talvez lá para Outubro deste ano. Nessa altura, os leitores da Newsletter do DEEC estão convidados a visitar-nos.



Logótipo do futuro museu Faraday.

em determinada peça, e marcamos uma visita. Segundo a Marta Lourenço, este espaço é único no país. Existem já três museus no Técnico: o museu Alfredo Bensaúde e o museu Décio Thadeu, localizados no Pavilhão de Minas e o Museu DECivil que se situa no Pavilhão de Civil. Queremos que este seja o quarto, o da Eletrotecnia. Há um projeto para juntar todos estes museus no espaço do jardim do Arco de Cego.

Quem tiver peças para o museu, o que é que deve fazer?

Quem tiver, no gabinete ou num laboratório, peças que ache que tem interesse para o museu, devem contactar-nos que nós vamos lá buscar. As peças mantêm-se na posse dos seus detentores, mas são cedidas ao museu



Durante a entrevista o professor Moisés Piedade deixou-nos espreitar algumas das peças que estarão em exposição a partir de Outubro.

NEEC

Doze meses de trabalho depois, o NEEC dá por terminado mais um ano letivo. Pelo caminho, foram ficando dezenas de atividades com o objetivo de dinamizar a experiência académica dos alunos do Instituto Superior Técnico e do MEEC em particular. O balanço do ano que se fecha por esta altura é bastante positivo, a avaliar pelo contacto que fomos tendo com os nossos colegas ao longo de dois semestres recheados de trabalho árduo, recompensado precisamente por esse feedback da comunidade.

À pausa letiva associamos assim uma oportunidade de perfeita para olhar para trás e analisar o desempenho da equipa ao longo de atividades com um cariz tão diverso quanto aquele que o currículo do MEEC nos proporciona. Neste ponto em particular, a implementação de inquéritos de satisfação em algumas das nossas atividades afigura-se como uma ferramenta de análise importante para nos certificarmos que estamos a ir de encontro aos interesses dos alunos.

É com grande satisfação que nos encontramos assim a planear o próximo ano letivo, num calendário que certamente ficará marcado pelos workshops habituais de apoio a Unidades Curriculares (SAIL, PSpice, Wordpress, etc.) bem como outras novidades que nos esforçaremos por implementar – à semelhança do que este ano fizemos, com workshops como o de Android ou o Media Center.

Sempre tendo em mente o interesse dos alunos do MEEC e a necessidade de enriquecer o seu currículo enquanto estudantes, a equipa do NEEC compromete-se assim a encarar o próximo ano letivo com o mesmo empenho e dedicação, e com a ambição de quem quer voltar a elevar a fasquia. Cá estaremos em Setembro, com uma equipa reforçada e muitas surpresas. Até lá!



A equipa NEECIST pausa para uma última fotografia de equipa após mais um ano letivo recheado de atividades.

Editorial

Combinámos uma 4ª feira, à tarde, no Pavilhão de Eletricidade. Juntam-se lá, no museu, todas as semanas: o Moisés, o Albano, o Carlos e o Jorge. Dispuseram a abrir-nos as portas. Atrasaram-se meia hora, mas receberam-nos calorosamente.

Vimos pela Newsletter. “Claro que sim, vamos preparar umas peças para fotografarem. A porta abre-se. Entramos num “santuário”. São várias salas cheias de equipamentos. Tudo disposto a preceito.

“Em meia hora fazemos isto”, pensámos antes de ir. Qual quê? Pusemos a gravador a funcionar. Só ao fim de 3 horas estávamos terminar. Ainda, por cima, a tomar um café na secretaria da Área Científica de Eletrónica.

O entusiasmo é muito. Nem é preciso fazermos perguntas. Cada peça têm uma história que têm que ser contada. São peças notáveis, testemunho da muita dedicação de quem as adquiriu e manuseou.

“Não podemos pôr tudo”, avisamos. Vê-se que vivem aquilo. O que é que faz estes homens dedicarem-se, assim, a um museu? Que testemunho querem transmitir às gerações futuras? “É para os mais novos.”

Ali, tem que estar tudo a funcionar. Fazem, aquelas peças, voltar à vida. Ligam o interruptor, como quem as acorda de um sono profundo. “Esta ainda está a funcionar!”

Fica uma promessa: “Voltamos em Outubro, quando abrirem as portas...”



Duarte Mesquita e Sousa, António Topa, Rodrigo Ventura